

# Nótulas sobre a negação no *Livro dos Ofícios*

## Notes on negation in the *Livro dos Ofícios*

MAFALDA FRADE<sup>1</sup> (CLUNL, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Universidade Nova de Lisboa; CLLC, Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro — Portugal)

**Abstract:** It is our purpose in this article to contribute to the study of two forms of negative polarity – ‘nothing’ and ‘never/ever’ – whose origin and semantic evolution will be examined by observing the meaning conveyed by the Latin expressions they derive from and how they came to be grammaticalized in Portuguese. For that purpose, we will analyse a restricted group of these forms, as found in the Portuguese translations of the treatises *De officiis* by Cicero and *De beneficiis* by Seneca, both attributed to Infant Dom Pedro. We seek to define the values these forms assume and assess whether they correspond to the values conveyed by the Latin texts.

**Keywords:** never/ever; nothing; grammaticalization; negation; *Livro dos Ofícios*; *Virtuosa Benfeitoria*.

Em Português, há inúmeras palavras e expressões que exprimem a negação, sendo que a origem e o valor semântico negativo veiculado pela maioria é claro, na medida em que derivam diretamente do Latim (como sucede com ‘não’ ou ‘nulo’, etc.). Em alguns casos, porém, há expressões complexas que, por um processo de gramaticalização, se converteram, em Português, em vocábulos com valor de negação. É o caso, por exemplo, dos advérbios ‘nada’ e ‘jamais’, que encontramos nas traduções medievais do *De officiis* de Cícero (*Livro dos Ofícios*) e *De beneficiis* de Séneca (*Virtuosa Benfeitoria*), cuja autoria é atribuída ao Infante D. Pedro.

### ‘Jamais’

No que diz respeito ao advérbio ‘jamais’, a informação das gramáticas normativas e dicionários consultados é escassa, não esclarecendo cabalmente de que forma se formou este vocábulo, e há também algumas informações aparentemente díspares sobre o seu valor semântico. Neste âmbito, em

---

Texto recebido em 30.09.2016 e aceite para publicação em 14.02.2017.

<sup>1</sup> mmfrade@fcsh.unl.pt; SFRH/BPD/47528/2008.

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 19 (2017) 293-304 — ISSN: 0874-5498

algumas obras não é objeto de qualquer referência<sup>2</sup>, sendo classificado, em outras, de diferentes formas: como advérbio de tempo<sup>3</sup>, como advérbio de tempo e negação<sup>4</sup>, ou como sinónimo de ‘nunca’, possuindo um sentido negativo<sup>5</sup>. Para além de denotar negação, manteve também um sentido positivo em contextos específicos das línguas românicas. Assim sendo, nas gramáticas normativas, ora é considerado um advérbio de tempo, ora de negação, ou é apresentado com duas classificações em concomitância, revelando uma dualidade a nível da sua categorização que deriva da sua duplicidade semântica: possui dois valores, um aspetual e outro negativo.

Para isto, parece contribuir o facto de a sua origem e evolução semântica apresentarem alguma complexidade: este advérbio remonta ao Latim vulgar<sup>6</sup> e deriva etimologicamente de um sintagma adverbial de origem latina que relaciona um advérbio de tempo (*iam*) com um advérbio de intensidade (*magis*)<sup>7</sup>, o que lhe conferiu a duplicidade semântica que o caracteriza ainda hoje.

Em Latim, o advérbio de tempo *iam*, em termos aspetuais, podia ser usado no passado (‘já’), no presente (‘agora’) ou no futuro (‘em breve’) e transmitiu ao advérbio ‘jamais’ a noção aspetual que o caracteriza. A esta acrescenta-se ainda uma noção de intensidade transmitida ao advérbio português pelo advérbio latino *magis*. Este último, na gramática latina, é um advérbio de intensidade na forma do comparativo de superioridade (muito – *mais* – máximo) e acompanhava os adjetivos terminados em *-eus/-ius/-uus* na formação do comparativo (*magis idoneus*, por exemplo)<sup>8</sup>, sendo que o ad-

<sup>2</sup> Variados estudos etimológicos e gramáticas históricas consultados – SEQUEIRA (1938), VASCONCELOS (1911/1959), SILVA JUNIOR (1878), MARTINS (s.d.) e MOTA (1937) – não possuem qualquer informação relativamente à existência, origem e classificação do vocábulo ‘jamais’.

<sup>3</sup> HÜBER (1986) 157.

<sup>4</sup> SILVA JUNIOR/ANDRADE (1887), SEQUEIRA (1938) e ALI (1931) 227.

<sup>5</sup> ALI (1931) 227.

<sup>6</sup> MACHADO (1977) e HOUAISS (2003)

<sup>7</sup> Veja-se VASCONCELLOS (1900), CÂMARA (1975 – refere que se trata de uma aglutinação), NUNES (1989), HORTA (s.d.), COUTINHO (1978) e SILVA JUNIOR/ANDRADE (1887). Várias são as tipologias de formação de advérbios, entre as quais encontramos a formação advérbio + advérbio – SEQUEIRA (1943) 170-175.

<sup>8</sup> ERNOUT (1945) 125.

vérbio *minus* acompanhava todos os adjetivos na formação do comparativo de inferioridade (como *minus idoneus* ou *minus fortis*). Com a evolução da língua latina, este paralelismo *magis/minus* torna-se comum e a utilização de *magis* passa a ser a regra na formação do comparativo de superioridade dos adjetivos (o que sucede atualmente)<sup>9</sup>, chegando a ser acrescentado a comparativos de superioridade regulares (sobretudo na oralidade<sup>10</sup>) de forma redundante, o que revela o seu valor de intensidade:

*magis maiores nugas* (Pl., Men. 55, prol.);  
*magis suspensiore animo* (B. Afr. 48,3)<sup>11</sup>.

Este valor intensificador mantém-se na passagem do Latim para o Português. De facto, na Idade Média, está atestada a forma ‘mais’ em relação estreita com outro advérbio, adjetivo ou verbo e sem termo de comparação, o que implica que, nestes casos, o advérbio é usado com um sentido de intensidade simples, semelhante ao que veicula o comparativo latino (CRUZEIRO, 1973: 404), como o demonstram os exemplos que se seguem, retirados da tradução do *Livro dos Ofícios* e que confrontamos com o texto latino, onde não existe comparação<sup>12</sup>:

“...tiramos das suas fontes aquilo que nos mais apraz e mais concorda com o nosso juízo...” (LO I.2)

*...e fontibus eorum iudicio arbitrioque nostro quantum quoque modo uidebitur, hauriemus* (De off. I.6)

“...e isto o mais sotilmente e mais asinha que se pode fazer e veer...” (LO I.6)

*...quique acutissime et celerrime potest et uidere* (De off. I.16)

“E por esto todo o officio (...) deve de seer avydo por mais avantejado daquello que se contém no conhecimento e sciencia...” (LO I.59)

*Ergo omne officium (...) anteponeendum est illi officio, quod cognitione et scientia continetur.* (De off. I.158)

No caso da expressão *iam + magis*, que na Idade Média surge por vezes sob a forma ‘ja mais’, este advérbio parece precisamente juntar-se à base *iam* para reforçar, pelo valor de intensidade, o seu sentido aspetual. Com esta

<sup>9</sup> ERNOUT/THOMAS (1972) 172.

<sup>10</sup> ERNOUT/THOMAS (1972) 173.

<sup>11</sup> ERNOUT/THOMAS (1972) 167.

<sup>12</sup> Para outros exemplos, consultar NUNES (1926-28) 230, 11.9, 10.

noção intensificadora pode ocorrer em contextos positivos, sem que lhe seja associado qualquer valor de negação, como vemos no exemplo seguinte, o único que ocorre na *Virtuosa Benfeitoria*:

“Oo que torpe engano da natureza humanal e confesso pubrico da sua maleza! Ja mais som crehudos os seellos dos nossos anees que a lealdade dos nossos corações...”  
(VB VI.4)

Este comportamento permite entender que, à época, ‘jamais’ não possuía um valor de polaridade negativa forte<sup>13</sup>, mas era, antes, um advérbio lexicalmente ambíguo: por um lado intensificava contextos negativos, por outro ocorria em contextos positivos, não revelando qualquer valor de negação.

Para além disto, a análise a testemunhos medievais remanescentes permite perceber que o sintagma ‘ja mais’ era também bastante associado a partículas com valor de negação — como ‘non’/‘nom’, ‘nã’, ‘nunca’ — para intensificar uma frase de polaridade negativa. Assim sendo, neste âmbito esta expressão funcionava como um reforço<sup>14</sup>, dando origem a uma dupla negação<sup>15</sup>.

Tal é o que sucede, também, no único exemplo registado no *Livro dos Ofícios*<sup>16</sup>, em que a expressão ‘nunca ja mais’ traduz a expressão de negação latina *nec umquam*, sendo que ‘ja mais’ assume o papel de reforço que, no texto latino, pertence a *uero*:

<p>“E nunca ja mais falecerá a causa e a semente das batalhas dos cidadãos...” (LO II.9)</p>	<p><i>Nec uero umquam bellorum ciuilium semen et causa deerit...</i> (<i>De off.</i> II.29)</p>
--	---

O mesmo sucede na *Virtuosa Benfeitoria*, onde ‘jamais’ aparece associado, na grande maioria das ocorrências, a uma negação:

<sup>13</sup> “Basicamente, os itens de polaridade fortes são legitimados apenas em contextos negativos, enquanto os itens de polaridade fracos são legitimados não só em contextos negativos, mas também no tipo de contextos (...) em que, nos romances medievais, ocorrem sem valor negativo palavras como *nenhum*, *nada*, *ninguém*.” – MARTINS (1997) 186.

<sup>14</sup> BLOCH/WARTBURG (1968), NASCENTES (1952), MACHADO (1977), MONLAU (1946), COROMINAS (1984), ALI (1931), 228-229.

<sup>15</sup> MARTINS (1997) 179.

<sup>16</sup> Ver exemplos de outras obras em FRADE (2009) 19-22.

*“E o que outorga por acrecentar em seu bemfazer nunca ficará desobrigado, que estes dous auctos em tal guisa duram em perseverança que nunca jamais se podem partir...” (VB V.2)*

*“E tal juntamento he de tanta firmeza que nunca jamais se pode avorrecer...” (VB V.5)*

*“...devem cobrar verdadeyro agradecimento cuja condiçom he nunca seer pagado emquanto por elle se pode mais dar, porque a fym natural, trazendo seu termho per obstinaçom ou confirmaçom, faz que nom seja jamais requerido...” (VB V.8)*

*“E, rrecebendo hũu cavallo que val cem dobras, se despois outorgam beneffficio de tanto ou mayor valor, entendem que jamais tehudos nom som de agradecer...” (VB V.15)*

*“E, posto que o galardom seja tal que, a juizo do mundo, traga melhoria sobre o beneffficio que foy outorgado, nom entenderá, porem, que satisfez e que nom he por ello jamais theudo...” (VB V.16)*

*“Desejando de perseverar em verdura o vertuoso prado do nobre coraçom guardar se ha com boa diligencia que arvores maninhas e hervoas sem prol nunca em elle jamais possam nacer...” (VB VI.1)*

*“...toda cousa que nom ha seer perseverante, e o tempo preterito a tem degastada em a prisom do seu ençarramento, nunca jamais a nós pode tornar pera tomar desvoayrança de como ja foy...” (VB VI.1)*

*“O iiº modo se pode charnar apetito ensaciavel, o qual traz algũus tam apresoados que os nom leixa assessegar, por muyto que ajam, senom onde perdem fiuza de todo pera nunca jamais poderem aver.” (VB VI.7)*

É a partir do seu uso em contextos negativos que, mais tarde, e num estágio mais avançado da língua, a expressão ‘ja mais’ começa, de forma consistente, a ocorrer isoladamente e com valor negativo, em situação pré-verbal, “absorvendo” o conteúdo semântico negativo das partículas de negação. Neste processo de gramaticalização, o sintagma composto por base aspetual ‘ja’ + advérbio de intensidade ‘mais’ + item de negação reduz-se e dá origem a um novo advérbio – ‘jamais’ –, que passa a veicular explicitamente a polaridade negativa<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Ver FRADE (2009) 23-27. Note-se, neste âmbito, que, em Catalão e Italiano, esta forma adverbial ainda se reduz mais, subsistindo apenas o advérbio de intensidade original que engloba todos os sentidos: ‘ja mais nom’ > ‘ja mais’ > ‘mai’.

### 'Nada'

Tal como sucede com 'jamais', também ao advérbio 'nada' são atribuídos, nas obras consultadas, diferentes valores: ora se indica que possui um valor indefinido<sup>18</sup>, ora se lhe atribui um valor de negação<sup>19</sup> ou de quantidade/intensidade<sup>20</sup>.

Para tal diversidade semântica contribui, tal como verificámos no estudo de 'jamais', a sua origem: 'nada' deriva etimologicamente de uma expressão de origem latina – *nulla res nata*<sup>21</sup>– que relaciona um adjetivo com valor negativo e indefinido (*nullus*) que ocorre em posição inicial com um nome (*res*) a que se sucede um adjetivo verbal (*nata*) e é precisamente esta tripartição que lhe confere os diferentes valores semânticos que o caracterizam hoje.

Neste âmbito, de especial relevância é o adjetivo *nullus*: derivado de *ne* + *ullus*, o seu sentido negativo foi transmitido por *ne*, ao passo que o valor de indefinição provém do adjetivo/pronome indefinido *ullus*, *a*, *um*. Note-se ainda que *ullus* provém do numeral cardinal *unus*, *a*, *um*, que lhe transmite o valor de quantidade que transita para *nullus*<sup>22</sup>. Assim sendo, neste adjetivo encontramos os três valores que serão mais tarde, atribuídos a 'nada'.

Já no caso da palavra *res*, Ernout e Meillet consideram que possui um sentido vago que lhe permite ser usada de forma abrangente e Neto atribui-lhe um valor indefinido, afirmando ainda que a forma medieval *ren* significa "alguma coisa", e que "precedido de advérbio negativo tem a significação de 'nada'" (Neto (1992) 415)<sup>23</sup>.

Este advérbio sofreu também um processo de gramaticalização: dada a frequência com que a expressão ocorre em contextos de polaridade negativa,

<sup>18</sup> FONSECA (1959) 39; NUNES (1989) 266; WILLIAMS (1962) 159-160; ALMEIDA (s.d.) 45.

<sup>19</sup> ALI (1978) 227; HÜBER (1986) 260-261.

<sup>20</sup> NUNES (1989) 346 integra 'nada' no conjunto de vocábulos a que atribui um valor de quantidade (mais, menos, muito, pouco, etc.) e que COUTINHO (1978) 267 considera terem um valor de intensidade.

<sup>21</sup> COUTINHO (1978) 267.

<sup>22</sup> ERNOUT/MEILLET (1967) s.u. *nullus*, *ullus*, *unus*.

<sup>23</sup> ERNOUT/MEILLET (1967) s.u. *res*. Ver também NUNES (1989) 266, WILLIAMS (1962) 159-160.

dá-se a coalescência do adjetivo com valor negativo bastante cedo, incorporando-se o sentido de negação na expressão subjacente: *res nata* cristaliza-se, assim, como expressão veiculadora de polaridade negativa, como, aliás, as gramáticas históricas consultadas revelam, ao considerarem que ‘nada’ deriva da expressão *res nata*<sup>24</sup>. Após esta coalescência, *res* desaparece em Português<sup>25</sup>, subsistindo ‘nada’, não como particípio passado (a sua categoria original, em Latim), mas como marcador de negação, sendo que, já na Idade Média, era utilizado para traduzir *nihil*.

Apesar da redução da expressão, os seus valores semânticos – de negação, indefinição e quantidade – permanecem no advérbio formado, tal como é possível perceber através das traduções em estudo:

- |    |   |   |
|----|---|---|
| a) | “...por que, se algũa cousa tomares ao homem, ainda que <u>pera nada</u> seja proveitoso, faras obra nom humanal...” (LO III.4) | <i>Nam si quid ab homine <u>ad nullam partem</u> utili utilitatis tuae causa detraxeris</i><br>( <i>De off.</i> III.30)       |
| b) | “... a natureza das cousas nom perde <u>nada</u> quando todo o que sse arrinca a ella se torna...” (VB I.9)                     | <i>Rerum natura <u>nihil</u> dicitur perdere, quia, quidquid illi avellitur, ad illam redit</i><br>( <i>De ben.</i> V.VIII.5) |
| c) | “ <u>Nem</u> pode perder <u>nada</u> , pois qualquer cousa que lhe tiram a elle se torna...” (VB I.9)                           | <i>Non potes <u>quicquam</u> amittere, quia, quod detrahitur, nihilo minus tibi adquiritur</i><br>( <i>De ben.</i> V.VIII.6)  |

Note-se que, em a), ‘nada’ é utilizado para traduzir a expressão *ad nullam partem* que, em Latim, veicula concomitantemente indefinição (reforçada pelo uso da forma nominal *partem*), quantidade e negação.

No caso de b), o advérbio português traduz o advérbio latino *nihil* que expressa precisamente o sentido de ausência, de vazio.

<sup>24</sup> FONSECA (1959) 39.

<sup>25</sup> Em outras línguas, como o francês (*rien*) ou o provençal (*ren*), desaparece o adjetivo verbal, passando *rem* a veicular o sentido negativo.

Já em c), estamos perante uma frase com dupla negação em que *non* se traduz por 'nem' e o adverbio 'nada' é usado para reforçar essa negação e veicular a indefinição, transmitida pelo texto latino através do uso do pronome indefinido *quicquam*.

Outros exemplos surgem na *Virtuosa Benfeitoria*:

- d) “E, porquanto nom tem poderio pera sse conservar em o stado que o seu fazedor lhe outorgou em a criaçom, tornar s'ya em nada se a nom soportasse a infiinda bondade do seu Criador.” (VB III.2)
- e) “E diz que a perda polla qual se aqueixa demonstra claramente que el nada nom tiinha que seu proprio fosse...” (VB III.2)
- f) “...somos obrigados de fazer spiritual vida servindo a Deus, pois que somos criaturas, que quer dizer cousas per elle criadas do nada.” (VB III.4)
- g) “...logo de boo talante desemparam todo e, entendendo que nom perdem nada do seu, dizem que he muito grande razom de aquellas cousas servirem a outrem...” (VB IV.5)
- h) “...respondeo que nom perdera nada porque todo o seu consigo trazia...” (VB IV.5)
- i) “E, quando o recebedor a começa lograr e vee que nom sente aquelle proveyto que as vãas palavras primeyro mostraram, por pouco que lhe faleça do que era louvada, despreza e tem em nada o que lhe foy outorgado.” (VB VI.4)
- j) “E diz de algũas que nada merecem e que a muitos outorgam o que he sobejo...” (VB VI.5)
- k) “E por certo todo o que nós podemos he vaydade, pois sem nós se pode comprir, e em ello nada merecemos



senom quanto praz ao Criador de nos outorgar  
graciosamente..." (VB VI.11)

- l) "...entendendo que todas boas obras della procedem  
com emperial prazimento, confessam que nada  
merecem por cousa que façam..." (VB VI.11)

Ainda que não tenhamos acesso ao texto que esteve na origem destas ocorrências, é possível verificar algumas características que 'nada' assume já em Quatrocentos. Assim, por um lado nota-se que pode ser usado tanto em contextos negativos – b), c), e), g), h), – como afirmativos<sup>26</sup> – a), d), f), i), j), k), l). Por outro lado, verifica-se também que pode ser usada como nome – d), f), –, pronome – a), b), c), e), g), h), i) – ou advérbio – j), k), l).

### Conclusão

Através desta investigação, procurámos analisar ao pormenor a origem dos advérbios veiculadores de polaridade negativa 'nada' e 'jamais', descrevendo ao pormenor o processo de gramaticalização e consequente evolução semântica que os originou.

Nesse âmbito, foi possível determinar que 'jamais' manteve, em Português, a duplicidade semântica que caracterizava a expressão latina (*iam magis*) que esteve na sua origem, possuindo assim um valor aspetual e de negação que se pode observar em textos remanescentes medievais, onde é também possível observar o seu uso como partícula de reforço e em frases com dupla negação.

Já no caso de 'nada', foi possível observar a sua ocorrência tanto em frases de polaridade positiva como negativa e determinámos também que, nas traduções medievais em estudo, se mantiveram os valores de negação, indefinição e quantidade que a expressão latina que lhe deu origem (*nulla res nata*) veiculava, sendo que é possível traduzir expressões e vocábulos com valores diversos dado o triplo valor semântico que caracteriza 'nada'.

---

<sup>26</sup> Tal como sucede com 'jamais', 'nada' pode ocorrer tanto com itens negativos como em contextos positivos, na época medieval – MARTINS (1997) 183-186, 192-193.

**Bibliografia:**

- ALI, Manuel Said (1931), *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo, Edições Melhoramentos.
- ALMEIDA, Berta Valente (s/d), *Primeiras noções de Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Lisboa, Papelaria, Livraria e Tipografia Fernandes.
- BLOCH, O. e WARTBURG, W. Von (1968), *Dictionnaire Etimologique de la Langue Française*. Paris, P.U.F.
- CALADO, Adelino de Almeida (1994), *Livro da virtuosa benefeytoria – Infante D. Pedro, Frei João Verba*. Coimbra, Universidade de Coimbra.
- COROMINAS, Joan (1984), *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. Madrid, Gredos.
- COUTINHO, Ismael L. (1978), *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico S/A.
- ERNOUT, A. e THOMAS, F. (1972), *Syntaxe latine*. Paris, Klincksieck.
- ERNOUT, A. (1945), *Morphologie historique du latin*. Paris, Klincksieck.
- ERNOUT, A. e MEILLET, A. (1967), *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Paris, Klincksieck.
- FONSECA, Fernando V. Peixoto (1959), *Noções de História da Língua Portuguesa*. Lisboa, Livraria Clássica Editora.
- FRADE, M. (2009), “A negação em ‘jamais’”: *Cadernos WGT (Workshop Gramática e Texto) – A negação*. Lisboa, Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL), 13-29.
- HORTA, Brandt (s.d.), *Noções de Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editores J. R. de Oliveira.
- HOUAISS, Antônio (2003), *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Lisboa, Temas e Debates.
- HÜBER, Joseph (1986), *Gramática do Português Antigo*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- MACHADO, José Pedro (1977), *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, Livros Horizonte.
- MARTINS, Ana Maria (1997), “Aspectos da Negação na História das Línguas Românicas: da natureza de palavras como nenhum, nada, ninguém”: *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*,

- editado por Ivo CASTRO. Vol. 2: *Linguística Histórica e História da Linguística*. Lisboa, Associação Portuguesa de Linguística, 179-210.
- MARTINS, Jaime de Sousa (s.d.), *Elementos de Gramática Histórica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- MONLAU, P. F. (1946), *Diccionario etimológico de la lengua castellana*. Buenos Aires, Joaquín Gil.
- MOTA, Othoniel (1937), *O Meu Idioma*. São Paulo, Companhia Editora Nacional.
- NASCENTES, Antenor (1952), *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
- NETO, Serafim da Silva (1992), *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Presença.
- NUNES, J. (1926-28), *Cantigas d'Amigo dos trovadores galego-portugueses*. Ed. Crítica, v. II. Coimbra, Imprensa da Universidade.
- NUNES, José Joaquim (1989), *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa. Fonética e Morfologia*. Lisboa, Clássica Editora.
- PIEL, Joseph (1948), *Livro dos Ofícios de Marco Tullio Ciceram - Infante D. Pedro*. (trad.). Coimbra, Universidade de Coimbra.
- SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins (1943), *Aspectos do Português Arcaico*. Lisboa, União Gráfica.
- SEQUEIRA, Francisco Júlio Martins (1938), *Gramática de Português*. Lisboa, Livraria Popular.
- SILVA JUNIOR, Manuel Pacheco e ANDRADE, Lameira (1887), *Grammatica da Lingua Portugeza*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves.
- SILVA JUNIOR, Manuel Pacheco (1878), *Grammatica Historica da Lingua Portugeza*. Rio de Janeiro, Typ. A Vapor de D.M. Hazlett.
- VASCONCELLOS, António Garcia Ribeiro (1900), *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Paris/Lisboa, Aillaud-Alves.
- VASCONCELLOS, José Leite (1911/1959), *Lições de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.
- WILLIAMS, Edwin B. (1962), *From Latin to Portuguese*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.

\*\*\*\*\*

**Resumo:** Pretendemos, com este estudo, contribuir para o estudo de duas formas de polaridade negativa – ‘nada’ e ‘jamais’ – cuja origem e evolução semânticas analisaremos, observando o sentido veiculado pelas expressões latinas de que derivam e como se processou a sua gramaticalização em Português. Para tal, analisaremos um conjunto limitado destas formas que se encontram nas traduções portuguesas dos tratados de Cícero *De officiis* e de Séneca *De beneficiis*, atribuídas ao Infante D. Pedro, procurando definir os valores que assumem e se estes correspondem aos valores que os textos latinos veiculam.

**Palavras-chave:** jamais; nada; gramaticalização; negação; *Livro dos Ofícios*; *Virtuosa Benfeitoria*.

**Resumen:** Con este estudio pretendemos contribuir al estudio de dos formas de polaridad negativa –*nada* y *jamais*– cuyo origen y evolución semántica vamos a analizar, observando el sentido transmitido por las expresiones latinas de las que derivan y cómo se dio su proceso de gramaticalización en portugués. Para ello, analizaremos un conjunto limitado de estas formas que se encuentran en las traducciones portuguesas de los tratados *De officiis* de Cicerón y *De beneficiis* de Séneca, atribuidas al Infante D. Pedro, intentando definir los valores que toman y si se corresponden con los valores que transmiten los textos latinos.

**Palabras clave:** *jamais*; *nada*; gramaticalización; negación; *Livro dos Ofícios*; *Virtuosa Benfeitoria*.

**Résumé :** Avec cet article, nous voulons participer à l'étude de deux formes de polarité négative – ‘rien’ et ‘jamais’ : nous en analyserons l'origine et l'évolution sémantiques, en observant le sens transmis par les expressions latines dont elles dérivent et comment s'effectua sa grammaticalisation en portugais. Pour ce, nous analyserons un ensemble limité de ces formes qui se trouvent dans les traductions portugaises des traités de Cicéron, *De officiis*, et de Sénèque, *De beneficiis*, imputées à l'Infant D. Pedro, en cherchant à définir les valeurs qu'elles assument et si celles-ci correspondent aux valeurs que les textes latins transmettent.

**Mots-clés :** jamais ; rien ; grammaticalisation ; négation ; *Livro dos Ofícios* ; *Virtuosa Benfeitoria*.